
A “cara” da ciência: Estratégias para humanização de conteúdo de divulgação científica no Instagram a partir do projeto temático Experiência Arquigrafia 4.0¹

Gustavo Alves Machado²
Ana Beatriz Tuma³
Ana Paula Silveira dos Santos⁴
Universidade de São Paulo – USP

Resumo

O imaginário social sobre a ciência tende a apoiar-se em determinadas concepções que, por vezes, geram um distanciamento entre o público geral e os pesquisadores. O presente artigo objetiva apresentar estratégias de humanização da divulgação científica (DC) empregadas especialmente no Instagram, do Projeto Temático FAPESP Experiência Arquigrafia 4.0, o qual se encontra no campo da Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo. A partir do nosso relato de experiência, definimos três categorias de estratégias de ações humanizantes: 1) quando o foco está no pesquisador como ser humano; 2) quando o foco está nos processos científicos, mostrando bastidores; e 3) outros casos, quando o processo é mais sutil, humanizando conteúdos que não necessariamente falam sobre os pesquisadores ou processos. Essas categorias são explicitadas através de exemplos concretos de posts. Por fim, o artigo conclui que as categorias são complementares, e devem ser aplicadas de forma conjunta para um processo completo de humanização da DC. Entende-se também que os esforços apresentados neste artigo caminham em direção à expansão do imaginário da sociedade acerca de quem produz ciência.

Palavras-chave: ciência; divulgação científica; Instagram; pesquisadores; Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo.

Introdução

Foi a efervescência cultural do Renascimento, da política, da sociedade e da economia do Ocidente europeu dos séculos XVI e XVII, segundo Edgar Morin (1996), o que possibilitou a emergência da chamada ciência moderna. A partir deste momento, ela associou-se progressivamente à técnica e introduziu-se nas universidades,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, do 26º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 49º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo foi produzido com auxílio da FAPESP.

² Bolsista de Jornalismo Científico de nível II (JC-II) da FAPESP, bacharel em Design pela USP, membro do grupo de pesquisa RITE - Representações, Imaginário e Tecnologia, e do laboratório DHMM - Design, História, Matéria e Memória, e-mail: gustavo.alvamac@gmail.com.

³ Professora da Pós-graduação em Mídias Digitais da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da USP. Bolsista FAPESP de Jornalismo Científico de nível IV (JC-IV) entre os anos de 2024 e 2026. E-mail: anabeatriztuma@gmail.com.

⁴ Bolsista FAPESP de Jornalismo Científico de nível IV (JC-IV), desde maio de 2026. Pesquisadora associada ao Grupo de Pesquisa CNPq 'Representações: Imaginário e Tecnologia' (RITE). Doutora e Mestra em Design Estratégico pelo PPG em Design Unisinos. E-mail: nicapaulasantos@gmail.com

sociedades, empresas e Estados, transformando-os e deixando-se modificar pelo que transformava. Antes disso, de acordo com Leopoldo de Meis (2002), a busca por comprovação era menosprezada, já que havia expressiva valorização da lógica prevalente da época, associada essencialmente a explicações pelo divino, pelo sobrenatural.

Neste artigo, entendemos ciência em sentido amplo, abarcando as áreas do conhecimento compreendidas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)⁵. Assim, é considerado científico o que é produzido no projeto temático apoiado pela FAPESP Experiência Arquigrafia 4.0⁶, do qual fazemos parte, sendo voltado para a área de Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo.

Nossa equipe tem atuado na expansão da cultura visual arquitetônica da comunidade lusófona através de uma iniciativa de *download* e de *upload* de imagens em uma plataforma colaborativa e de livre acesso denominada Arquigrafia⁷, a qual funciona como um acervo iconográfico que contém mais de 14.000 fotografias.

Juntamente com o funcionamento da plataforma, observamos o crescente esforço dos pesquisadores do projeto, para além de práticas de comunicação científica (CC), para os pares da academia, na expansão da divulgação científica (DC), entendida como uma iniciativa de democratização do acesso ao público leigo (Bueno, 2010).

O Arquigrafia é, por um lado, grupo de pesquisa e, por outro, uma plataforma colaborativa de imagens de arquitetura e urbanismo. Nesse sentido, a DC se divide entre ações associadas às pesquisas realizadas pelos integrantes e ações de divulgação do acervo e da plataforma em si.

Esse esforço na área da Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo pode ser notado na presença cada vez maior do Arquigrafia nas redes sociais digitais, especialmente no Instagram (Machado; Tuma, 2025), uma das plataformas mais acessadas atualmente pelos brasileiros ao lado do YouTube (Reuters Institute for the Study of Journalism, 2025).

Todavia, reconhecemos juntamente com Reznik et al. (2017) que quem produz ciência, chamados de cientistas ou, como preferimos, de pesquisadores, integra o

⁵ Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Interdisciplinar, Linguística, Letras e Artes.

⁶ <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/109498/experiencia-arquigrafia-40/> Acesso em: 29 maio 2026.

⁷ arquigrafia.org.br. Acesso em: 29 maio 2026.

imaginário da sociedade por meio de narrativas dominantes moldadas por signos provenientes das Ciências Biológicas. Tende-se a imaginar o cientista a partir de estereótipos pré-definidos como uma figura de jaleco, examinando suas pipetas e placas de petri.

O imaginário é constituído com base na imagem e na imaginação. A imagem é assimilada pela representação sógnica de algo que se tenha a intenção de representar, dado como realidade. A imaginação refere-se à capacidade de representar essa realidade por processos conotativos. Tais processos podem se distanciar de realidades objetivas, priorizando analogias singulares que são expressas pelos sujeitos sociais em suas maneiras de significar o mundo (Silva, 2011).

A ciência está para além das ciências biológicas, sendo necessário expandir as limitações do imaginário atual, especialmente no que tange às representações de pesquisadores das ciências sociais aplicadas. Sendo assim, o símbolo passa a reunir múltiplos sentidos e amplia as frentes de interpretação e expressão.

Nesse sentido, nossa equipe de Divulgação Científica tem lançado mão de estratégias de humanização do conteúdo disseminado nas redes sociais digitais com o intuito de dar a devida “cara” à ciência que é produzida no projeto temático, mostrando quem, de fato, são os nossos pesquisadores. Portanto, este artigo tem o objetivo de fazer um relato de experiência sobre quais são as estratégias que têm sido empregadas por nós, em especial no Instagram.

Para tal, dividimos essas estratégias em três categorias: 1) quando o foco está no pesquisador como ser humano; 2) quando a ênfase está nos processos científicos, mostrando bastidores; e 3) outros casos, quando o processo é mais sutil, humanizando conteúdos que não necessariamente falam sobre os pesquisadores ou processos.

Primeira categoria - Pesquisador como ser humano

Para a primeira categoria, quando o foco está no pesquisador como ser humano, abordamos a série de vídeos “Pesquisadores do Arquigrafia”. A série objetiva dissipar a imagem distante e isolada do cientista, o qual aparece no imaginário público como um sujeito diferente do restante da sociedade, recluso entre os muros da universidade.

Queremos mostrar para o público que os pesquisadores são pessoas comuns, que têm hobbies e interesses pessoais para além da pesquisa. O intuito é gerar conexão

emocional entre quem assiste os vídeos e o membro do Arquigrafia que se apresenta, de forma breve e objetiva, em geral, em um ou dois minutos. Isso vai ao encontro de alguns testes que fizemos com vídeos de DC gerados por inteligência artificial (IA) que mostram, claramente, que apenas a figura humana é capaz de gerar essa conexão de forma efetiva e eficaz (Tuma; Machado, 2026).

Vale detalhar o processo de produção de um vídeo da série. Primeiro, é feita uma lista de pesquisadores para serem abordados. Tentamos ao máximo diversificar as apresentações, escolhendo pesquisadores de diferentes disciplinas, níveis de bolsa e perfil. Depois, contatamos os mesmos, buscando entender se estariam interessados em produzir o conteúdo. Aqui, cabe ressaltarmos que são raras as ocasiões em que membros do Arquigrafia rejeitam nosso convite. As recusas tendem a estar associadas ao desconforto e timidez dos membros, e mesmo aqueles que não se sentem à vontade em gravar, tendem a apoiar a ideia da série.

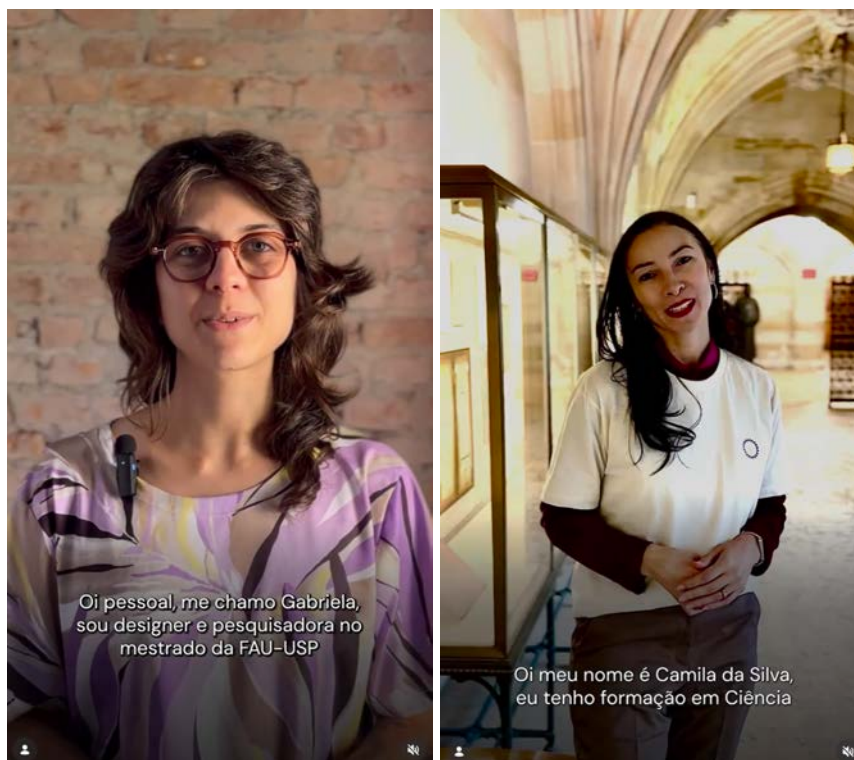
Após confirmado o interesse, passamos um roteiro preliminar generalista, explicando a finalidade do vídeo, o formato que deve ser gravado, e alguns assuntos essenciais de serem abordados: formação, tema da pesquisa, tipo de bolsa, etc. Esse roteiro é constantemente aprimorado a partir do contato com os pesquisadores, buscando dar orientações mais claras.

Considerando que a maioria deles – mesmo os doutorandos e pós-doutorandos – raramente tiveram contato com ações de DC diretas, um pequeno guia tem se mostrado especialmente útil, dando orientações técnicas sobre a gravação e no que tange à própria divulgação científica, como não utilizar jargões científicos.

A gravação dos vídeos fica por conta dos pesquisadores. Nesse sentido, o roteiro serve como forma de treinamento básico para gravação de conteúdo para o Instagram. Uma indicação relevante é que eles devem tomar precauções associadas à qualidade da imagem e do som. Isso é especialmente importante na medida em que indicamos a possibilidade de gravação em locais externos, os quais representam de alguma forma o pesquisador, mas que estão sujeitos a toda sorte de intempéries, como sol, chuva e ruídos que atrapalham a qualidade técnica do conteúdo produzido.

Como exemplos de posts dessa categoria em nosso perfil no Instagram, temos os vídeos gravados pelas pesquisadoras Gabriela Momberg⁸ (Fig. 1) e Camila Aparecida da Silva⁹ (Fig. 2), que descrevem situações e desafios específicos.

Figuras 1 e 2 - À esquerda, frame de vídeo de Gabriela Momberg; À direita, frame de vídeo de Camila da Silva Aparecida



Fonte: Autoria nossa (2026)

A primeira versão do vídeo de Gabriela ficou inutilizável, dada a qualidade do áudio e da iluminação. Trata-se de uma possibilidade: na eventualidade do vídeo estar com problemas que não podem ser resolvidos na pós-produção, é necessário que sejam regravados. A segunda versão, por outro lado, é exemplo de uma situação em que o vídeo base não precisa ser profundamente editado. Como foi gravado em ambiente interno e com uso de microfone de lapela, a qualidade do áudio é boa e com pouco ruído. A iluminação natural supriu as necessidades visuais do vídeo, e a textura da parede de fundo torna o ambiente agradável. A edição focou somente na adição de legendas para aprimoramento da acessibilidade, na adição de transições e cortes no vídeo, e da adição de uma *outro* com informações sobre o vídeo e o projeto, além de uma ficha técnica.

⁸ <https://www.instagram.com/p/DWkHvuvJ9mJ/>. Acesso em: 02 jun. 2026

⁹ <https://www.instagram.com/p/DUIV1rODolb/>. Acesso em 02 jun. 2026

No caso da Camila, o vídeo foi gravado durante uma visita técnica da pesquisadora à Sterling Memorial Library da Universidade de Yale (EUA). Trata-se de um caso de um cenário altamente dinâmico e interessante, que conta muito sobre a pesquisadora, seus interesses e sua fase atual de pesquisa. Porém, por estar em um ambiente público e sem microfone de lapela, o áudio ficou abafado e ruidoso. O maior esforço da equipe de DC foi na correção do som na edição que, mesmo após múltiplas rodadas de correção, ainda apresenta indícios leves de ruído e abafamento. De resto, o processo seguiu parecido com os demais vídeos: adição de legendas, transições e cortes.

Entendemos que as limitações técnicas associadas aos vídeos fazem parte da humanização que queremos transmitir, já que são vídeos criados autenticamente pelos próprios pesquisadores. Por isso, mesmo que haja o risco do áudio ser parcialmente comprometido, é especialmente interessante situações em que a gravação ocorre em ambientes incomuns, já que revela novas camadas sobre os pesquisadores.

O roteiro é construído mediante a perspectiva de conexão com o público. Além disso, quanto às informações sobre seu trabalho, sugerimos que os pesquisadores indiquem os seus hobbies e o que fazem no tempo livre. Isso contribui para demonstrar que, como qualquer cidadão, os pesquisadores também cultivam interesses e paixões pessoais nem sempre conectadas à atividade de pesquisa.

Algo curioso nesse sentido é o vídeo de Henrique Junges¹⁰ (Fig. 3), então coordenador de desenvolvimento da nova versão da plataforma colaborativa Arquigrafia por meio de uma bolsa FAPESP de treinamento técnico de nível V (TT-V). No vídeo, Henrique conta sobre seu trabalho na área de Ciência da Computação, mas também revela que tem realizado aulas de música, especificamente de bateria.

¹⁰ https://www.instagram.com/p/DUHBgUiDI_w/. Acesso em 02 jun. 2026

Figura 3 - Frame de vídeo de Henrique Junges, no qual ele aborda seu hobby como baterista



Fonte: Autoria nossa (2026)

Isso é interessante de ser visto, uma vez que é incomum associar a figura do pesquisador, especialmente do campo da Ciência da Computação, a de alguém que é também ligado ao campo das Artes. Nesse sentido, em consonância com o que dizem Chagas e Massarani (2020), contribuímos para tirar o cientista da torre de marfim, ajudando a sociedade em geral a entender que esta figura é uma pessoa comum e não um gênio excepcional.

Segunda categoria - Bastidores dos processos científicos

Na segunda categoria de humanização, temos posts que focam no processo científico. Há diversos posts desse tipo: posts sobre reuniões, sobre eventos, e imagens do processo de trabalho do grupo. Ao contrário dos vídeos sobre os pesquisadores, aqui não há necessariamente a utilização do audiovisual, havendo uso amplo de posts estáticos, em geral em um conjunto de cards que formam carrosséis. Além disso, há a tendência de não focar somente em um único pesquisador, mas na perspectiva colaborativa do grupo Arquigrafia.

Os posts de reunião são o primeiro exemplo dessa categoria. Tratam-se de posts simples, que costumam conter somente prints da reunião feita virtualmente. O primeiro card costuma ser uma foto contendo todos os participantes, os quais são avisados da foto e orientados a ligar a câmera (no contexto virtual) e mostrar seus rostos¹¹ (Fig. 4). Os demais cards costumam mostrar momentos da reunião, com prints do projeto sendo apresentado.

Figura 4: Capa de post para a reunião mensal de maio.



Fonte: Autoria nossa (2026)

O potencial imagético dessas imagens concentra-se em revelar os bastidores da pesquisa e os processos metódicos que o acompanham. Também mostram dinâmicas de troca de conhecimento entre os integrantes, rompendo com a imagem do pesquisador que trabalha sozinho e isolado em seu laboratório.

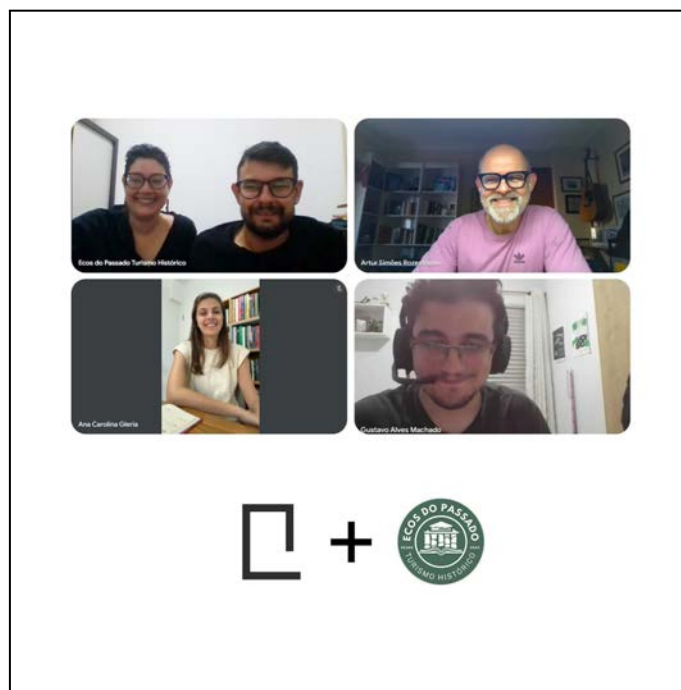
Nesse sentido, também costumamos realizar esse tipo de post para reuniões de parcerias entre grupos, na perspectiva de mostrar a importância da troca interprojetal. Um exemplo foi a reunião com a empresa de turismo histórico “Ecos do Passado”¹² (Fig. 5), que realiza caminhadas urbanas em Ribeirão Preto. A plataforma Arquigrafia integrará as experiências de caminhada, na medida que os participantes podem registrar

¹¹ <https://www.instagram.com/p/DY5fhBfD5vN/>. Acesso em 02 jun. 2026

¹² <https://www.instagram.com/p/DW916azDxx8/>. Acesso em 02 jun. 2026

publicamente as fotos que realizarem. Isso também é vantajoso para o Arquigrafia, já que expande o seu acervo.

Figura 5: Capa de post para a reunião de parceria com a empresa Ecos do Passado.



Fonte: Autoria nossa (2026)

Ainda dentro dessa categoria, também existem conteúdos relacionados à eventos organizados pelo grupo. Um exemplo são os vídeos de divulgação da charrete¹³ do Arquigrafia. No primeiro vídeo¹⁴ (Fig. 6), uma das pesquisadoras se apresenta, explica o que é uma charrete e aponta qual será seu uso dentro do Arquigrafia. Em uma segunda postagem, há um vídeo¹⁵ (Fig. 7) que mostra uma coletânea de fotos de momentos do evento. Assim, além de educar o público sobre o conceito de charrete, as pessoas podem ver seu funcionamento na prática, entendendo também como são tomadas as decisões dentro do projeto.

¹³ Workshop curto e intensivo, normalmente associado ao campo da arquitetura, que objetiva a união de diferentes atores para a elaboração de soluções de projeto.

¹⁴ <https://www.instagram.com/p/C9iILD8vn99/>. Acesso em 02 jun. 2026

¹⁵ <https://www.instagram.com/p/C9lDmQjS-dH/>. Acesso em 02 jun. 2026

Figuras 6 e 7: À esquerda, frame do vídeo de apresentação da charrete. À direita, frame de vídeo mostrando cenas do evento.



Fonte: Autoria nossa (2026)

Há também posts que objetivam a divulgação da participação de pesquisadores em eventos científicos. Entende-se a comunicação científica como parte essencial do processo de construção do saber e, consequentemente, parte do trabalho do pesquisador. Como nem sempre a equipe de divulgação científica é capaz de acompanhar esses eventos, dependemos dos próprios pesquisadores para os registros. Quando há fotos disponíveis, tendemos sempre a optar por cenas dos pesquisadores junto com suas pesquisas, como no caso do post sobre a participação no evento da Wikimedia Brasil¹⁶ (Fig. 8). Há casos onde temos que nos adaptar somente com fotos dos posters em si, como no caso do post sobre a participação de uma pesquisadora na 54ª Conferência Anual ARLIS/NA 2026¹⁷ (Fig. 9).

¹⁶ <https://www.instagram.com/p/DBw5vrKPaB2/>. Acesso em 02 jun. 2026

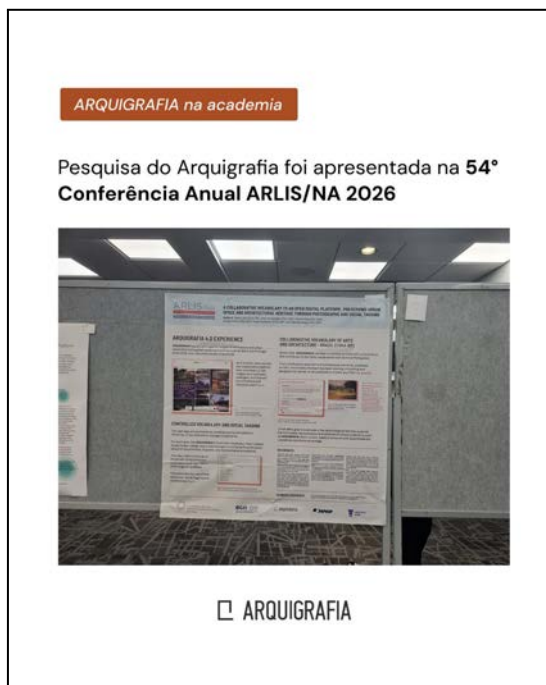
¹⁷ <https://www.instagram.com/p/DYVZCayj3N5/>. Acesso em 02 jun. 2026

Figura 8: post da participação do Arquigrafia no evento organizado pelo Wikimedia Brasil.



Fonte: Autoria nossa (2026)

Figura 9: post da participação do Arquigrafia na 54ª Conferência Anual ARLIS/NA 2026.



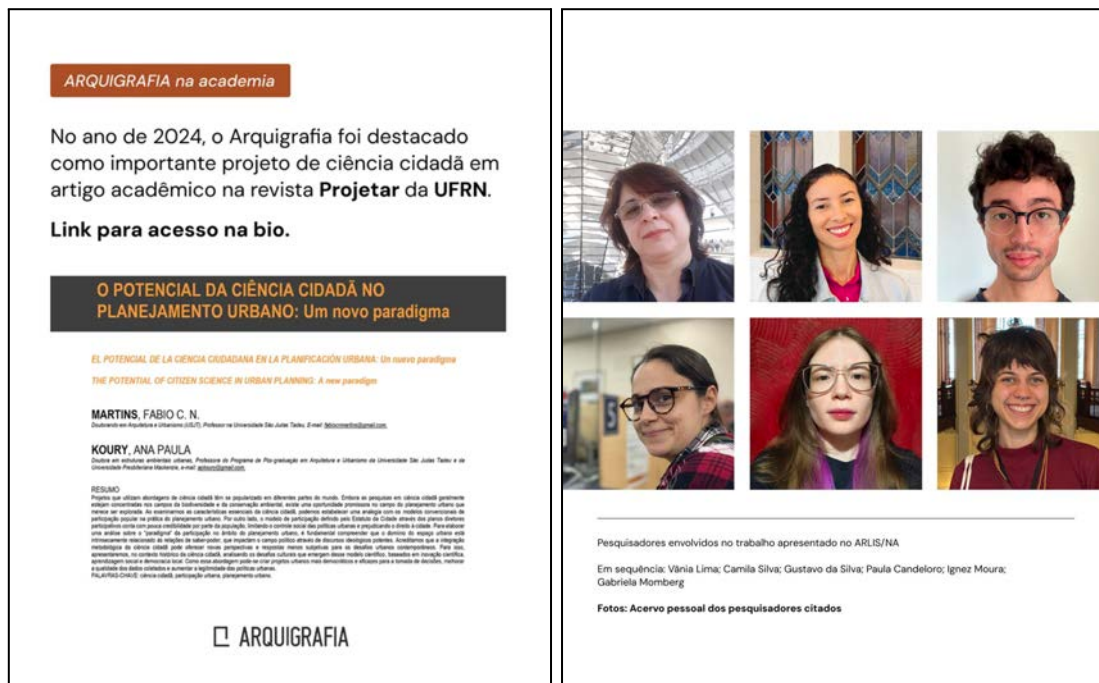
Fonte: Autoria nossa (2026)

Terceira categoria - Outros casos

Para a última categoria nós abordamos os posts de temas variados que são humanizados a partir do uso esporádico da imagem de pesquisadores. Entendemos que o processo de humanização não precisa ser realizado somente através de séries e posts específicos de bastidores e de aproximação com o público, mas pode ser integrado também nos demais posts feitos no Instagram.

Um exemplo desse processo encontra-se nos posts que noticiam a publicação de artigos e/ou livros por parte dos pesquisadores do grupo. Anteriormente, havia a tendência de fazer somente um card com a capa do texto, como no post divulgando o artigo publicado na revista *Projetar*¹⁸ (Fig. 10). Nas postagens mais recentes, colocamos também um card com o carômetro dos pesquisadores envolvidos no processo de pesquisa, redação e design (Fig. 11). Isso permite que sejam assinalados rostos aos autores, dando maior concretude à produção científica e ajudando a humanizar o conteúdo de divulgação científica no Instagram.

Figuras 10 e 11: À esquerda, capa de post sobre artigo publicado na revista *projetar*. À direita, card no carrossel do post sobre participação na 54ª Conferência Anual ARLIS/NA 2026



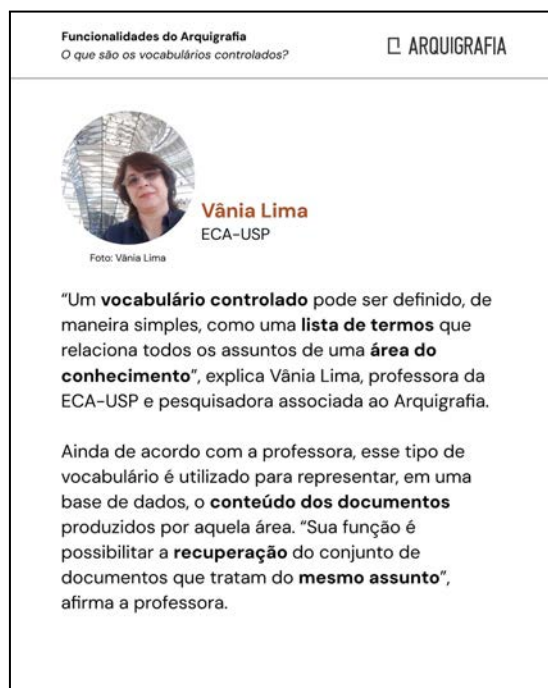
Fonte: Autoria nossa (2026)

¹⁸ https://www.instagram.com/p/DU4AA2-j6_2/. Acesso em 02 jun. 2026

Outro exemplo são posts variados de divulgação científica. Tentamos sempre, na medida do possível, construir parcerias com os pesquisadores do grupo para criação desses conteúdos. No post sobre vocabulários controlados¹⁹, a professora Vânia Lima da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP) dá uma explicação concisa e em linguagem acessível sobre o que se trata esse conceito. Cabe ressaltarmos que esse tema é caro ao projeto dada sua importância para organização e busca no acervo de imagens contido em nossa plataforma.

Além de colocar em evidência o conhecimento e especialização de Vânia através de citação direta, utilizamos no post também uma foto dela, fornecida pela própria, para que o leitor pudesse conhecer sua imagem (Fig. 12), deixando de ser abstrato seu nome para quem o lê.

Figura 12: Card do post dos vocabulários controlados contendo a explicação de Vânia



Fonte: Autoria nossa (2026)

Considerações Finais

Através de uma análise do conteúdo produzido para a rede social do [@arquivografia.org.br](https://www.instagram.com/p/DOXjoGejm9T/), fomos capazes de encontrar três categorias principais de ações humanizantes: 1) quando o foco está no pesquisador como ser humano; 2) quando o foco está nos processos científicos, mostrando bastidores; e 3) outros casos, quando o

¹⁹ <https://www.instagram.com/p/DOXjoGejm9T/>. Acesso em 02 jun. 2026

processo é mais sutil, humanizando conteúdos que não necessariamente falam sobre os pesquisadores ou processos. Demos exemplo de como cada uma dessas categorias aparece, juntamente com as preocupações informacionais associadas na construção de cada um dos posts.

O perfil do Arquigrafia mostra que não há uma hierarquia de importância entre as categorias supracitadas, mas sim uma relação de complementaridade entre elas. Os posts sobre os pesquisadores permitem estabelecer uma conexão emocional do público aos sujeitos integrantes do grupo. Os posts sobre processos e reuniões permitem a conexão do público com o grupo como coletivo, mostram a importância da cooperação para ciência e permitem que o público entenda melhor o que os pesquisadores fazem no dia a dia. Por fim, a humanização em posts de outros tipos mostra que, através de ações pontuais, é possível que o processo de conexão entre público e pesquisa seja estabelecido como aspecto natural e recorrente.

Dessa maneira, com essas estratégias de humanização do conteúdo de divulgação científica no Instagram, mostramos qual é a “cara” da ciência produzida no projeto temático Experiência Arquigrafia 4.0, evidenciando que os pesquisadores são pessoas comuns, que possuem interesses pessoais, hobbies etc. Somado a isso, rompemos com estereótipos pré-estabelecidos sobre o fazer ciência, ainda muito ligados ao contexto das Ciências Biológicas.

Referências

- BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, [S. l.], v. 15, n. 1 esp., p. 1–12, 2010. DOI:10.5433/1981-8920.2010v15n1esp1. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585>. Acesso em: 27 mar. 2025.
- CHAGAS, C.; MASSARANI, L. **Manual de sobrevivência para divulgar ciência e saúde**. SciELO-Editora Fiocruz, 2020.
- MACHADO, G. A.; TUMA, A. B. Divulgação científica do projeto temático Experiência Arquigrafia 4.0: do humano à inteligência artificial. In: ROZESTRATEN, A. S.; CABRAL, A. S. C. (org.). **Caderno de resumos do XI Seminário do Grupo de Pesquisa CNPq – Representações: Imaginário e Tecnologia (RITE)**. São Paulo: FAU-USP, 2025. p. 33–35. Disponível em: <https://sites.google.com/usp.br/rite2025/caderno-de-resumos>. Acesso em: 27 mar. 2026.
- MEIS, L. **Ciência, educação e o conflito humano-tecnológico**. São Paulo: Senac, 2002.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. **Digital News Report 2025**. 2025. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2025>. Acesso em: 14 abr. 2026.

REZNIK, G. et al. Como adolescentes apreendem a ciência e a profissão de cientista? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 829-855, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5xYKHSY4B3LCXTCN4Kskh6r/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2026.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

TUMA, A. B.; MACHADO, G. A. Divulgação Científica com o Uso de Inteligência Artificial: o caso do projeto temático Experiência Arquigrafia 4.0. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 29., 2026, Volta Redonda. **Anais [...]**. Volta Redonda: Intercom, 2026. p. 1-6. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/24/4249/0328202613514969c807250271a.pdf>. Acesso em: 30 maio 2026.